



1. Concepção clássica

Com certeza, você já percebeu que o comportamento moral dos seres humanos está estreitamente vinculado ao modo como suas sociedades se organizam ao longo da história e como eles se relacionam com estas sociedades.

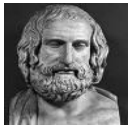
Pode-se dizer que a forma como os seres humanos compreendem a Ética também possui uma história, seja porque sua matéria de trabalho é esse comportamento moral em sociedade, seja porque a Ética organiza seu conhecimento que tende a se ampliar em relação ao passado e ao futuro.

Épocas de mudanças radicais como esta que estamos vivendo trazem consigo profundos questionamentos dos valores, princípios e normas morais considerados válidos até aqui em uma e em todas as sociedades. Essa crise de valores ou de ética, como muitos estão falando, requer que os seres humanos repensem o que é importante para eles, seja justificando o que já conhecem, seja propondo a sua substituição. Neste último caso, fica uma pergunta incisiva: substituir pelo quê?

Em uma época de tantas dúvidas, é preciso refazer o caminho histórico que a Ética percorreu até aqui em busca de alguma clareza. É por isso que, nesta e nas próximas lições, seremos iniciados nas diversas concepções da conduta moral dos seres humanos que os historiadores da Ética recolheram para nós.

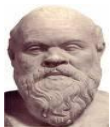
Começaremos pelos antigos gregos, de certo modo, fundadores do nosso pensamento acerca da moral, pois foram os primeiros a deixar registros dessa preocupação com a conduta humana na e em função da pólis/cidade. Pessoas como Sócrates, Platão, Aristóteles, e grupos como os Sofistas, os Epicureus e os Estóicos, nos guiarão nesse estudo. Ao final desse estudo, você terá uma boa introdução ao pensamento ético que será capaz de colocá-lo em conversação com seus próprios desafios éticos.

A Ética, como a conhecemos, nasce com a democratização da vida política entre as antigas cidades gregas, sobretudo em Atenas, no século V AC. A vida na *polis/cidade* requeria uma nova forma de participação dos seus habitantes. Neste espaço físico chamado cidade/pólis, homens como Sócrates, Platão e Aristóteles refletiram sobre a melhor forma de convivência pública entre os cidadãos.



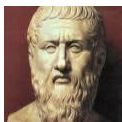
1.1 Os sofistas

Antes deles, porém, havia os Sofistas, mestres que andavam pelas cidades gregas, preocupados em saber o que é o ser humano enquanto participante de uma sociedade humana. Esta participação era vista como política e jurídica. A participação na sociedade requeria saber impor as idéias próprias de modo a convencer os demais de que elas eram as melhores para todos. Claro que isso dependia de como o discurso se adaptava às próprias situações que cada sociedade vivenciava, isto é, os critérios para avaliar o que era melhor variavam segundo as necessidades e comportamentos de cada sociedade. Não havendo um critério baseado em um valor maior que a própria situação, Protágoras, um desses sofistas fundadores do pensamento ético grego, dizia: “O homem é a medida de todas as coisas!” Nem a natureza, nem a tradição, nem os deuses podem dizer exatamente ao ser humano o que ele devia ou não ser e fazer em sociedade.



1.2 Sócrates (470-399)

Sócrates não gostava muito desse relativismo e subjetivismo dos Sofistas. Ele também achava que a Ética começava com o ser humano, mas como este compartilhava a mesma natureza humana com todos os seus semelhantes, um conhecimento válido para um ser humano também dizia respeito a todos os demais, desde que seu ponto de partida fosse racional. Para Sócrates, a racionalidade humana deveria buscar o conhecimento do que é bom para praticá-lo na cidade/pólis. Adquirido esse conhecimento racional, caberia a esta cidade ensinar cada ser humano a cultivar a virtude (capacidade de agir bem) e a rejeitar o vício (capacidade de agir mal). Agindo assim, o ser humano teria todas as condições para ser feliz em sociedade, alvo final de sua existência no mundo.



1.3 Platão (427-347)

Platão foi discípulo de Sócrates e repetiu duas idéias queridas a seu mestre: o ser humano aprende o que é bom na cidade/pólis quando por ela ensinado. A partir dessas idéias, Platão ensinou que a cidade/pólis deve se organizar como um estado político para cumprir aquele fim. Portanto, apenas os seres humanos que faziam parte da cidade, que se submetiam

às suas normas, praticavam suas regras e partilhavam seus valores poderiam ser eticamente educados.

Porém, Platão entendia que não cabia à cidade dizer ao ser humano o que era bom. O que era bom estava mais além e só poderia ser encontrado em um mundo ideal, perfeito, imutável, a verdadeira realidade só alcançada pela alma humana orientada pela sua racionalidade. O que é bom deveria, antes de ser praticado, ser contemplado e compreendido pela alma humana. Por meio dessa ação racional, o ser humano estaria preparado para funcionar virtuosamente.

Esta compreensão platônica da moral é explicada em termos do seu dualismo, isto é, a diferenciação que Platão fazia entre corpo e alma. Como lugar das paixões, emoções e sentimentos, o corpo servia pouco para educar o ser humano em sua conduta moral. O mundo é outro lugar pernicioso para a educação moral do ser humano, pois ele apelava aos instintos do corpo, não à racionalidade da alma. O ser humano, precisava mesmo era da alma, o lugar da racionalidade no ser humano. Esta lhe poderia ensinar a virtude e conhecimento. Assim, quanto mais ele renunciasse a ser dirigido pelo corpo, e se submetesse à direção da alma, mais moralmente educado seria.

A alma racional ensinaria ao ser humano a prudência, virtude da alma; a fortaleza, virtude da vontade; a temperança, virtude dos apetites do corpo. O equilíbrio e harmonia entre essas virtudes, numa espécie de meio-termo, caberia à mais importante de todas as virtudes: a justiça. Assim, Platão nos deixou a primeira Tábua de Valores morais da época antiga:¹

1) O primeiro e mais elevado lugar pertence aos Deuses e, portanto, aos valores que podemos denominar *religiosos*.

2) Logo após os Deuses vem a alma que é, no homem, a parte superior e melhor, com os valores que lhe são peculiares da virtude e do conhecimento, ou seja, com os valores *espirituais*.

3) Em terceiro lugar, vem o corpo com seus valores (os valores *vitais* como hoje se diria).

4) Em quarto lugar, vêm os bens da fortuna, as riquezas e os bens *exteriores* em geral.

¹ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 207.



1.4 Aristóteles (384-322)

Aristóteles foi discípulo de Platão, mas se afastou dele para formar um modo próprio de pensar. Ele concorda com Platão, e vai mais além, ao dizer que o ser humano só é humano em uma vida política, nesse caso, social. É a cidade/pólis que pode lhe prover esta vida social que é a fonte da sua felicidade, ao lhe dar a condição de realizá-la.

Como isso acontece? Bem, Aristóteles ensinou que todo ser humano carrega consigo uma compreensão do que é bom, sem precisar buscar esse conhecimento em algo fora dele mesmo. Porém, o ser humano precisa transformar esse conhecimento em uma ação prática ou ética. Ele faz isso, primeiro, procurando conhecer mais sobre o que é bom, e para isso deve se dedicar ao desenvolvimento da sua racionalidade por meio do estudo. Quanto mais ele conhece e pratica o que é bom, mais feliz será, isto é, mais plenamente humano ele será.

O ser humano saberia que encontrou a sua realização ao praticar a virtude, isto é, ao se conduzir por um caminho intermediário entre duas condutas extremas. Um exemplo: Entre ser um alcóolatra e não beber álcool nenhum, a virtude estaria em saber beber moderadamente, pensando que essa conduta moral é a melhor para toda a pólis/sociedade. Se o ser humano conseguisse se guiar completamente pela virtude, realizaria sua vida na pólis/sociedade e alcançaria a felicidade, objetivo para o qual tende toda a existência humana.

No final das contas, a moral é uma questão de o ser humano entender o fim da sua existência, por Aristóteles chamado *felicidade*. É claro que esta palavra pode dizer muitas coisas para pessoas e sociedades diferentes. De acordo com Aristóteles, não se trata de uma satisfação corporal ou física, uma sensação de prazer e gozo, porque ela escraviza as pessoas. Nem de honra ou prestígio ou fama, porque é algo dependente de condições sob as quais o ser humano não tem controle. Nem o acúmulo de riquezas, porque elas não são um fim, mas meios para adquirir outras coisas que seriam fins. Nem mesmo a contemplação das coisas mais elevadas, porque se encontram fora da experiência do ser humano. A perfeita felicidade, conforme Aristóteles, consiste primeiro, na atividade racional ou intelectual da alma humana, onde, pelo estudo, o ser humano pode alcançar e reter para si mesmo a plenitude de suas potencialidades, ou a Verdade, ou o mais próximo possível que se pode chegar de Deus. Segundo, consiste em viver a vida conforme as virtudes éticas, as quais serão tratadas em uma lição posterior.

Até então, para a concepção clássica de ética, a cidade/pólis e, nela, a sociedade, é o lugar da realização da conduta moral dos seres humanos. No entanto, com o passar do tempo, as cidades gregas perderam sua autonomia ao serem submetidas por dois grandes impérios: o macedônio e o romano. Ao perder a referência da cidade e como habitante de um império, o ser humano ficou sozinho no mundo, o que levou o pensamento ético a sofrer duas profundas e importantes modificações a partir de duas novas formas de pensar a conduta moral humana sob estas novas condições.



1.5 Zenão

A primeira nova forma de pensar a Moral foi proposta pelos Estóicos. Seu grande representante foi Zenão. Eles entenderam que o ser humano é apenas ele mesmo, um indivíduo, preso de forças cósmicas, divinas e racionais, que iam além da sua capacidade de resistência. Ele não pode votar contra elas, como os antigos gregos. Ele não pode resistir quando os exércitos imperiais saqueiam e escravizam os seres humanos. Não lhe cabe escolher, mas compreender racionalmente o que cada momento exige dele e tentar corresponder fazendo o que é bom da melhor maneira possível, sem se entregar ao pior que a sua situação poderia forçá-lo. Por exemplo, Se ele virou um escravo de um senhor romano, o melhor a fazer é viver de modo adequado a essa nova condição e tirar o melhor proveito dela. Ou, em acontecendo uma tragédia, não se deve reagir irracionalmente, dominado pelas emoções e paixões, mas resistir firmemente raciocinando que há uma razão na natureza ou no processo das coisas para isso, aceitar resignadamente essa razão e fazer o melhor possível dentro das possibilidades oferecidas.



1.6 Epicuro

A segunda nova forma de pensar a Moral foi proposta pelos Epicureus. Seu grande representante foi Epicuro. Segundo eles, tudo o que existe é matéria, é átomo, é indivíduo, inclusive o ser humano. Não há uma cidade/pólis, uma sociedade, uma tradição, um império, forças cósmicas, um destino ou um deus, nem mesmo uma felicidade, para guiá-lo. De fato, sua conduta deve guiar-se ao máximo pela fuga daquilo que lhe traz perturbação, seja uma lembrança do passado, seja um instinto do corpo, um sentimento da alma ou uma ambição futura. O seu alvo é a ataraxia, isto é, a quietude, a apatia, a insensibilidade, algo parecido com o sono ou a morte.

Por vezes, a conduta dos Epicureus é chamada de hedonista, devido à sua insistência na busca do prazer. Deve-se, porém, fugir da idéia vulgar de prazer ou gozo, a qualquer preço, pois se trata justamente o contrário disso. O prazer que trará dor ou sofrimento, mesmo que gozoso no momento deve ser evitado ao extremo. Ao contrário, o ser humano deve olhar para dentro de si e, guiado pela sua racionalidade, perguntar o que quer, o que lhe faz bem, o que lhe dá sentido e propósito, e perseguir isso até o fim da vida. Ele não está preso a nada, nem ao passado nem ao presente, e deve seguir apaixonadamente o caminho que lhe parece mais prazeroso quando se trata de praticar o que é bom. Nisso estará a sua felicidade pessoal.



2. Concepção cristã da ética

O estudo de como a ética veio a se tornar cristã nos situa na maneira como nossas sociedades ocidentais foram impregnadas com os princípios, valores e normas reunidas sob o nome Moral cristã. Ela se tornou necessária na construção do novo mundo que segue ao fim do Império Romano. Um dos principais cristãos da época e que determinaram muito a Moral cristã foi Agostinho de Hipona, o qual elaborou uma ética da redenção. Também a Ética cristã pode ser uma ética do amor, entendido como caridade, a partir de Basílio de Cesaréia. Sendo herdeira, em alguns pontos da concepção greco-romana de Ética, a Ética cristã a modificou profunda e definitivamente ao inserir a novidade do Cristianismo na sua compreensão de como deveriam ser as relações humanas no novo mundo que surgiu.

2.1 O Cristianismo substitui o Império Romano no mundo ocidental

Tudo começa com a queda do Império Romano, no século IV. Com ele, todo um mundo vai desaparecendo, inclusive sua moral. Toda a reflexão ética que se tentou elaborar até então é revista diante das novas condições de vida social.

No intervalo entre o século IV e o século VII, outro mundo vai surgindo, gestado dentro dos escombros do Império Romano. Ele não mais é uma sociedade de senhores e escravos reunidos em uma cidade/pólis. Nem mais uma sociedade de súditos e Imperador miscigenados em uma grande extensão territorial. Agora, passa a existir uma sociedade de pequenos proprietários de terras com seus servos, que se submetem uns aos outros em uma espécie de dependência do menor proprietário para o maior proprietário. A fragmentação territorial e a hierarquização social serão as marcas desse período, as quais consolidarão as relações humanas no futuro Ocidente por mil anos.

As relações humanas neste mundo serão regulamentadas por uma nova forma de vida social: o Cristianismo. Ele determinará uma nova moral, agora religiosa. Ele proporá uma nova reflexão ética, incluindo um personagem fundamental: Deus, tutelada por uma instituição que se colocará acima de todos: a Igreja Católica.

2.2 O Cristianismo constitui a nova moral do mundo ocidental

É preciso entender como o Cristianismo ocidental chegou a elaborar uma nova moral religiosa para as relações humanas no novo mundo que surgia. A preocupação inicial do Cristianismo era anunciar a esse mundo a salvação disponibilizada por Deus a partir da encarnação de Jesus Cristo. Esta salvação significava a redenção da humanidade por meio de Jesus Cristo. Sob essa ótica, a condição humana passou a ser descrita como carente de redenção, isto é, pecadora, ignorante e necessitada de vida. Jesus Cristo se tornou o mediador entre a humanidade nessa condição e o conhecimento, vida, fé e imortalidade de que ela precisava. Isso queria dizer que somente por meio da fé em Jesus Cristo e do seu exemplo de vida o ser humano seria capaz de viver uma vida moral agradável a Deus.

A partir desta concentração cristológica, o Cristianismo desenvolveu certas definições gregas básicas sobre a natureza do ser humano. Segundo ele, este não é mais um ser de relações sociais na cidade ou no Estado ou na natureza, mas consigo mesmo e com Deus. O Cristianismo acentua a visão grega da divisão da natureza humana entre alma e corpo. Para ele, a alma é dotada de livre arbítrio e capaz de decidir entre o bem e o mal, desde que esclarecida pela sua razão. Agora, porém, o ser humano não presta contas à sua razão, mas a Deus que lhe deu a capacidade racional de julgar.

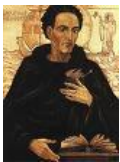
Outra modificação importante que o Cristianismo produziu sobre as ideias gregas foi a identificação do mal com o pecado e a culpa. Para o Cristianismo, o pecado é a opção da alma humana pelo mal. Por que ela escolhe pecar? Os pensadores cristãos daqueles tempos terão dificuldades para responder a essa pergunta. Elas variam, desde a responsabilização dos demônios que tentam o ser humano até um ambiente que favorece ou determina essa opção. Cedo, a explicação retorna ao Jardim do Éden, onde o primeiro casal humano cede às instigações malignas, desobedece a Deus e atrai sobre si e a humanidade todas as consequências do seu ato irresponsável. Veja que, agora, a questão moral não se trata apenas das condições presentes, mas de lidar com uma herança de pecado e culpa que aflige e determina boa parte da conduta humana atual.

Entretanto, permanece fundamental para esses pensadores cristãos a ideia de que o ser humano traz consigo uma disposição para realizar o que é bom, nele colocada pelo próprio

Deus quando da sua criação. A questão é como fazer prevalecer essa boa disposição. A resposta cristã é que, por sua encarnação, Jesus Cristo possibilitou a retomada do projeto adâmico iniciado por Deus, que criou macho e fêmea bons, permitindo recuperar em Cristo o que se perdeu em Adão, tornando-se ele o iniciador de uma nova humanidade, por ele redimida da condição adâmica. Por sua morte na cruz, Jesus Cristo levou sua obediência a Deus às últimas consequências e resgatou os seres humanos da escravidão aos maus desejos, capacitando-os a obedecerem a Deus. Ao aceitar a obra de Cristo em seu favor, cada ser humano pode acumular mérito diante de Deus por suas boas ações, e oferecer reparação ou satisfação a Deus por suas más ações. Assim o Cristianismo elaborou o fundamento de sua moral cristã e preparou o mundo ocidental para viver sob essa orientação por mil anos.

2.3 A contribuição de Agostinho de Hipona

Existiu um grande cristão que, durante esse período, muito contribuiu para uma ética cristã filosófica, isto é, para fundamentar racionalmente a Ética cristã: Agostinho de Hipona.



Agostinho nasceu na cidade de Tagaste, norte da África, no ano 354 e morreu em 430. Durante a sua vida, ele assistiu a decadência e fim do Império Romano e a ascensão do Cristianismo, ao qual se converteu, tornando-se bispo e, depois, um grande pensador das questões que os novos tempos colocavam à sua fé cristã.

Agostinho argumenta especificamente sobre o problema do mal. Tem ele o mal como algo presente, chega à definição do mal como uma perversão da vontade humana desviada da Substância Suprema - Deus. Como Substância suprema, Deus é suprema Existência e Bondade, e os seres humanos devem procurá-lo para alcançar a Verdade. Julgar que o caminho para se atingir a Verdade seja humano, ou dependa apenas de esforços humanos, constitui soberba, pois a Verdade, que é a felicidade, é externa ao ser humano e dependente de Deus. O conhecimento da Verdade, que constitui a felicidade humana, é dada graciosamente por Deus a qualquer ser humano a quem Deus queira dá-la.

Qual deve ser a conduta do ser humano, como ele deve agir, se ele parte em busca do conhecimento da Verdade em Deus? O homem deve procurá-la através da purificação da alma. Para purificar a alma o homem deve reconhecer a condição miserável da humanidade após o pecado original, e deve ter a humildade de reconhecer a felicidade como existente fora dele mesmo. O ser humano deve se tornar digno de receber a graça. Isso significa *querer* o bem, ainda que não possa realizá-lo por si mesmo.

A purificação da alma para receber o conhecimento da Verdade é equivalente a uma purificação da conduta. Agostinho defende ardorosamente um ascetismo no comportamento moral dos seres humanos, chegando a condenar o casamento e a procriação, e a cantar a maravilha do celibato. O homem precisa se livrar das paixões, e por paixões entende-se tudo aquilo que move (ou comove) a alma para longe do seu objetivo: conhecer a Verdade que está em Deus. Estando a alma purificada, está preparado o terreno para conhecer o Bem que é conhecer a Deus.

Para Agostinho, todos os seres humanos querem ser alegres e felizes, mas a verdadeira alegria só vem de Deus. A carne e seus apelos, a matéria, podem levar o homem a confundir-se e fazer aquilo que *deseja* fazer, mas não aquilo que *realmente quer* fazer. Deus é a felicidade porque é a Verdade. E a alegria reside na Verdade. Esta é uma só, e Deus a sua fonte. Como estímulo ao ser humano, Agostinho aponta o exemplo de Jesus Cristo, que foi ao mesmo tempo Deus e homem, verbo imortal e carne perecível. Ele dedicou a sua vida à busca da vontade de Deus, renunciando a tudo aquilo que pudesse afastá-lo desta busca, inclusive à própria vida.

Para o Cristianismo, todo esse exercício de autoconhecimento em busca do conhecimento de Deus, uma vez alcançado, redireciona o ser humano para uma ação amorosa no mundo, entendida como fazer da prática do bem a razão e propósito maior da existência humana. É assim que o Cristianismo introduz nas relações humanas na sociedade ocidental o ideal do agir caridosamente de modo que todos tenham suas carências mínimas atendidas.



Veja o que diz um desses cristãos, chamado Basílio, bispo da cidade de Cesaréia, que viveu entre 330 e 379.

Reconhece, ó homem, o teu doador. Recorda-te de ti mesmo: quem sou, que coisa administra, de quem recebeste, porque foste preferido entre muitos. És servidor da bondade de Deus, administrador dos teus companheiros de servidão. Não creias que tudo seja destinado a teu ventre. Considera os bens que estão nas tuas mãos como coisa de outros: por breve tempo alegam-te, depois deslizam e desaparecem rapidamente; deles deverás prestar contas pormenorizadas. Embora tenhas tudo bem fechado com portas trancadas, amarrado e selado, todavia, as preocupações te impedem o sono. Ruminas dentro de ti, estulto conselheiro de ti mesmo: “Que farei?”. Seria, ao invés, ocasião de dizer: “saciarei quem tem fome, abrirei meus celeiros e chamarei todos os indigentes. Imitarei o benéfico edito de José: “Quantos não tenham pão, vinde a mim; tome cada um o suficiente do dom concedido por Deus, como de uma fonte comum” (Gn 47,13-26). Por que não és assim

também tu? Tens medo de que outros tirem proveito destes bens e, ruminando na alma sentimentos maus, meditas, não tanto como distribuir a cada um segundo a necessidade, mas como ajuntar ainda mais bens e tirar de todos os proventos para ti.²



3. Concepção moderna da Ética

A Ética moderna recebe esse nome devido a mais um conjunto de profundas transformações que a humanidade, no Ocidente, veio a experimentar a partir do Século XVI. Nós, neste início do Século XXI, somos herdeiros de todas aquelas transformações e, portanto, das concepções morais que serão o conteúdo da Ética desse tempo. Dentre as muitas éticas, pois é assim que se começa a falar desde então, no plural, destaca-se um importante filósofo prussiano, chamado Immanuel Kant. O seu pensamento sobre a Moral se tornou a base, a origem, das éticas que ainda pensamos hoje. Outros filósofos, em diálogo com o pensamento ético de Kant, questionarão e proporão revisões em seu pensamento ético.

3.1 As condições gerais da Modernidade ocidental

A Modernidade ocidental se caracterizou por um novo conjunto de mudanças que aconteceram no mundo ocidental a partir do século XVI, e se intensificaram nos séculos XVIII e XIX, sendo fundamentais para nosso conhecimento do mundo de hoje.

Essas mudanças afetaram profundamente a concepção cristã de ética vigente até o início desse período. Sánchez Vásquez descreve essas mudanças assim:³

Na ordem econômica, as forças produtivas se ampliaram a partir do desenvolvimento da ciência e das novas relações capitalistas de produção.

Na ordem social, a burguesia se fortaleceu ao estender seu poder econômico a todos os domínios, inclusive a organização política monárquica absolutista.

Na ordem política, os fragmentados estados resultantes da ordem feudal foram substituídos por estados nacionais centralizadores.

Na ordem espiritual, o Cristianismo deixa de ter um lugar referencial na determinação do modo de ser e pensar, e a Igreja Católica perde sua função orientadora na nova sociedade.

² Homília sobre Lucas 12. In: *Basílio de Cesaréia. Coleção Patristica*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 27,28.

³ VÁSQUEZ Sánchez Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 280.

Na ordem religiosa, o Cristianismo se fragmenta a partir dos movimentos provocados pela Reforma Protestante, e religiões como o Judaísmo e o Islamismo e, mais tarde, as religiões orientais, adquirem lugar equivalente ao Cristianismo na nova sociedade.

Em meio às mudanças, era natural que as pessoas comesçassem a se ver de uma maneira diferente da concepção cristã prevalente até então. Elas chamaram esse momento de Ilustração, Iluminação ou Iluminismo, ou Tempo das Luzes. Essa experiência intelectual levou a novas compreensões de sociedade e a procurar, por conseguinte, novas maneiras de se relacionar moralmente com as demais. Passa a existir uma multiplicidade de propostas éticas. Uma tendência era comum a todas, porém: o caráter antropocêntrico de todas elas. Este é o primeiro ponto que vamos estudar.

3.2 Características gerais da ética moderna no Ocidente

Duas atitudes das pessoas neste início de Modernidade ocidental marcarão, profundamente e para sempre, os seres humanos. A primeira será tremendamente negativa: a recusa da tradição e do coletivo. A segunda é bastante positiva: a afirmação da autonomia e do indivíduo.

Perceba que uma coisa tem tudo a ver com a outra. Pois, é normal que a tradição seja sustentada por uma experiência bastante coletiva da existência à qual todos devem submissão. Isto se chama **heteronomia**, pois a tradição é uma lei externa a qual todos se obrigam internamente. Até então, cabia ao Cristianismo cumprir esse papel da tradição, e, para ele, a lei de Deus ou sua vontade era o que chamava todos os seres humanos à mesma convivência.

A **autonomia** acontece quando a experiência individual se eleva acima da coletiva, permitindo que as decisões pessoais se sobreponham àquelas definidas de antemão pela tradição. A lei, nesse caso, está dentro do indivíduo e é a partir dele que as questões ao seu redor devem ser julgadas e decididas.

Se você entender por lei o que chamamos de Moral, aprendida na primeira lição, tudo ficará mais claro. Essa mudança antropocêntrica, do objeto (fora do homem) para o sujeito (dentro do homem), obrigou a refazer toda a concepção de ética, justificando chamá-la de moderna.

Tudo passa, portanto, pelo ser humano. Quem é ele? Sua identidade e valor são medidos em relação a ele mesmo, e não mais em relação a Deus, como antigamente. Ele é dotado de razão, de um corpo, de uma vontade. Ele não apenas busca a Deus, mas pode atuar

no mundo à sua volta provocando profundas transformações. Para isso, ele mesmo desenvolve recursos pela denominada ciência, cujo conhecimento lhe é mais necessário que o próprio conhecimento de Deus.

O ser humano se torna tão importante na ordem como as coisas se organizam, que sua vida, seus interesses, suas necessidades, sua existência, se colocam no centro de suas atividades. Se ele pode e deve intervir em todas as coisas para a melhoria e progresso da própria vida, também deve fazê-lo para estabelecer quais princípios, valores e condutas são mais adequadas às suas mesmas necessidades, interesses e existência. Sua ética partirá dele mesmo, sendo ele mesmo o próprio fim da ética.

É claro que o Cristianismo não acabou e nem sua concepção de ética. Porém, doravante, ele estará separado da razão, da sociedade, do ser humano, devido à sua preocupação primeira com Deus. Quando o ser humano tiver que tomar alguma decisão moral, não é a vontade de Deus que ele vai procurar, mas a sua própria razão.

3.3 A contribuição de Kant para a Ética moderna ocidental

Dentre os muitos filósofos que propõem novas éticas adequadas a esta nova sociedade, nenhum deles foi tão bem sucedido em modernizá-la quanto Immanuel Kant.



Kant nasceu em Königsberg, em 1724, e morreu lá mesmo, em 1804. Para ele, todo conhecimento começa com a experiência que o ser humano faz do mundo. A questão é saber se o que experimentamos tem um fundamento adequado, seja no que sabemos de antemão sobre aquela experiência, seja no que sabemos a partir da experiência. Será que é possível afirmar algo sobre alguma experiência no mundo que seja bem fundamentada e, portanto, válida para qualquer outra experiência semelhante em qualquer lugar do mundo? Sim, se o indivíduo for capaz de fazer uma síntese tanto da experiência quanto do que ele sabe sobre ela. Tudo depende, então, da capacidade racional desse indivíduo enquanto um sujeito pensante. Assim, não é a experiência que faz o sujeito, determinando o que ele pode saber, e, assim, quem ele é, mas o sujeito é que faz a experiência, explorando as possibilidades do que pode saber sobre ela. Naturalmente, aquilo que está fora do alcance experimental do sujeito, ele nada pode saber, a princípio, sobre ele, e isso é válido inclusive para Deus.⁴

Qual a importância do pensamento de Kant para a concepção moderna de ética? Kant escreveu algumas obras sobre esse assunto e duas delas são muito importantes: *Crítica da*

⁴ Você pode saber mais sobre esse assunto lendo: MORA J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, Tomo III, p. 1623-1630.

Razão Prática e Fundamentação da Metafísica dos Costumes.⁵ Tentaremos resumir para você as ideias mais importantes da Primeira Seção desta última obra, para que compreenda como a Moral é transformada pelo pensamento de Kant.

Segundo Kant, a coisa mais importante e que define o espírito humano ao final das contas é a vontade, a capacidade inerente à sua natureza, de querer. Segundo ele, você pode ter talentos, bom temperamento, boas qualidades, muito dinheiro e influência, mas nada disso define uma vida bem vivida, uma felicidade de viver como o fim de uma vida moral. E por quê? Porque todas essas coisas podem ser deturpadas, direcionadas para fins incorretos e, portanto, promover a infelicidade humana e da própria pessoa. Por exemplo: uma fortuna não é certeza de vida feliz a menos que se saiba e se queira fazer o que é certo com ela. Então, a vontade é o bem mais importante que o ser humano possui e que determina sua vida moral em sociedade e no mundo. É claro que a vontade assim entendida como boa tem valor apenas por isso e não pela utilidade ou benefício que ela possa trazer. Isto é, se alguém tem essa boa vontade e não tem dinheiro nenhum, já tem valor só por possuí-la, mesmo que não consiga realizar nada do que queira fazer de bom.

Há, porém, uma grande dificuldade em se compreender essa ética racional. Pense na situação de uma pessoa que sabe que precisa comer para preservar a própria vida. Ela está fazendo bem a si mesma ao cumprir a finalidade da sua existência, comendo. Que há de moral nisso? Agora, pense em uma pessoa que não tem a mínima vontade de comer, mas se alimenta porque precisa estar viva para cuidar dos próprios filhos. Agora, sim, trata-se de uma decisão moral, que custou agir conforme a vontade racional, não de acordo com algum instinto natural de sobrevivência. Pense, ainda, em uma mãe ou pai que sabe que precisa se alimentar para continuar vivendo. No entanto, sua família tem pouco alimento, e não será possível que todos comam. Não é verdade que eles terão que decidir entre comer e deixar de comer, para que os filhos comam, mesmo que contrariando os próprios instintos de sobrevivência? Em ambos os exemplos, não foi o instinto que resolveu, mas a vontade racional fazendo com que a pessoa tomasse uma decisão contrária ao próprio desejo e profunda necessidade? E porque os pais fariam isso? Kant lembra uma palavra que será muito importante para sua ética: **dever**.

Há muitas situações, porém, em que a palavra **dever** não se aplica. Por exemplo, quando um guarda de trânsito está em um semáforo apagado, controlando o trânsito para que não haja batidas entre os carros, não se trata de um dever ou obrigação moral, mas

⁵ Elas foram editadas em Português, por várias editoras. Basta você procurar em qualquer biblioteca ou livraria

apenas um cumprimento da função na sociedade para o qual é remunerado por ela, mesmo que mal remunerado. Quando um verdureiro decide vender pelo mesmo preço o tomate, ainda que pudesse fazer preços mais altos para clientes mais ricos, ou enganar os compradores que não sabem fazer contas, ele está pensando em não perder a clientela em troca de um lucro rápido, mas prejuízo certo mais à frente, pois esses clientes não retornarão para comprar de novo, quando souberem que foram enganados por ele. Quando alguém resolve ajudar outra pessoa financeiramente porque tem dinheiro para isso, porque é Natal, porque é religioso, porque é político, porque é dirigente de ONG, porque é assistente social, padre, pastor, etc, não há nenhum valor moral nesta conduta, pois ela é parte da própria condição que se espera dessas pessoas em tais circunstâncias.

Ao contrário, é cumpridor do dever moral aquela pessoa que, mesmo sem encontrar nenhum sentido para viver, continua a preservar a própria vida; e sem nenhum recurso financeiro ou não gostando das pessoas, ainda assim ajuda a muitos; ou mantém os preços das verduras para atender uma clientela que não poderia pagar mais alto por elas com prejuízo próprio. Para Kant, a máxima de Jesus: “Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos”, resume bem o que ele está pensando. Quem cumpre esta ordem de Jesus, sabe o que é agir moralmente, pois é totalmente contraditório e prejudicial a si mesmo amar e fazer bem a alguém que poderia lhe fazer mal. Vê-se, portanto, que não são os propósitos e fins das ações que contam como morais, mas certo princípio da vontade ou do querer, quando a ação é praticada por dever moral.

Bem, essa forma de pensar e valorar a ação moral deixa de fixar esta ação nas realizações das pessoas ou nas suas intenções, para fixá-las na vontade de agir bem. No entanto, se nem as ações concretas e nem as inclinações naturais são critérios para esse agir bem, resta apenas à **lei moral** determinar este agir. Então, a gente tem a seguinte equação:

$$\text{vontade} + \text{lei moral} = \text{agir bem}$$

Agora é importante entender o conceito de lei moral que Kant refere:

O objeto do respeito é, portanto, simplesmente a *lei*, quero dizer, aquela lei que nos impomos a *nós mesmos*, e, no entanto, como necessária em si. Como lei que é, estamos-lhe subordinados, sem termos que consultar o amor-próprio; mas como lei que nós nos impomos a nós mesmos, é ela uma consequência da nossa vontade.⁶

⁶ KANT Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 115.

Você entende que ele não está falando de um código de leis de uma sociedade, mas de uma obrigação moral que nos impomos a nós mesmos, interiormente. Isto requer que cada ser humano pense sobre como deseja que suas ações sejam avaliadas pelos demais seres humanos e aja de conformidade. Segundo Kant, cada ser humano tem que viver de acordo com uma **máxima**, uma espécie de lei moral geral das ações, que ele mesmo traduziu assim:

**Devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a
minha máxima se torne uma lei universal.**

Para ilustrar sua **máxima**, Kant dá um exemplo muito comum a todos nós. Quando alguém está em dificuldades com outra pessoa, é comum ser tentado a fazer uma promessa sem, contudo, ter a intenção verdadeira de cumpri-la. Ele só quer se livrar do problema do momento. Você já esteve em situação parecida? Entretanto, se alguém faz uma falsa promessa para conseguir se livrar de um problema momentâneo, esse comportamento pode trazer problemas maiores depois, e, assim, ele prefere não fazer a falsa promessa. A este comportamento moral, Kant chama prudência ou esperteza.

3.4 Críticas modernas e propostas alternativas à ética de Kant

Kant foi bastante criticado, nos Séculos XIX e XX, por tornar a conduta moral um dever abstrato e universal, deixando de lado a conduta do ser humano nas condições concretas colocadas pela sociedade, sobretudo nas relações de produção e trabalho das economias industrializadas.



Karl Marx

Para Karl Marx, as sociedades industrializadas dividiram os seres humanos em classes, e ele reflete sobre esse ser humano que deve conduzir-se moralmente em meio às relações sociais concretas das sociedades divididas em classes. Para ele, a conduta moral de um indivíduo depende das condições materiais nas quais vive e trabalha e do grupo ao qual ele pertence. Esta conduta se opõe à conduta moral dos outros grupos da mesma sociedade. Em sociedades divididas pelas relações de produção e trabalho, o grupo que tiver o domínio da produção governará os demais, impondo a sua conduta moral a estes, pois detém os meios econômicos e sociais para isso. A solução apontada por Marx são as sociedades sem classes, nas quais a convivência comum promoveria uma espécie de superestrutura moral onde o tratamento seria igual para todos. Sua idéia é que não há como requerer a mesma conduta moral para todos, enquanto uma sociedade não disponibiliza a justiça social e econômica para todos.



Nietzsche

Para Nietzsche, a conduta moral não se trata de um dever, mas de um poder. O poder de realizar a própria vontade e instintos e de, efetivamente, realizá-los.

Aqueles dentre os seres humanos, temerosos da conduta de alguém que agisse conforme seu poder, trataram de colocar freios à sua conduta por meio da norma moral. Desse modo, a norma moral, sobretudo a grega e a cristã, visa restringir, reprimir, controlar, enfraquecer esse poder. Todavia, o ser humano que detém o poder de realizar deve utilizá-lo, livrando-se de qualquer restrição que a norma moral lhe imponha, pois, só desta maneira, obterá a plena finalidade da felicidade humana: a própria satisfação.



Freud

Para Freud, a conduta moral de um sujeito racional e autônomo guiada pela norma moral não leva em consideração todo um universo de desejos que subjazem no interior do ser humano. Ao lhe impor a norma moral, a sociedade faz com que ele reprima seus desejos, ela se torna controladora deles, contradizendo a própria idéia de sujeito racional e autônomo. Por outro lado, não há apenas uma vida racional no ser humano, mas também uma vida de paixões. A plena realização moral não consistiria somente na realização da vida racional, mas também da vida passional. O grande desafio moral das sociedades é equilibrar as duas vivências humanas de modo que a conduta moral traga felicidade e realização ao ser humano.



Kierkegaard

Outra reflexão, a partir da noção de norma moral de Kant, foi elaborada por Kierkegaard. Ele foi um homem muito preocupado com as escolhas morais que fez durante a vida e com as angústias que elas lhe provocaram. Por exemplo: em certo momento da vida ele ficou muito angustiado entre casar ou não casar, pois já estava noivo. E por quê? Porque ele tinha receios de que, casando, talvez o casamento lhe impusesse obrigações morais que ele não quisesse sustentar ao longo da vida, ou, pior ainda, ao ter que conviver com essas obrigações, importaria um grande sofrimento à sua futura esposa. Bem, ele decidiu terminar o noivado, deixando a ex-futura esposa bastante magoada com ele. Assim, Kierkegaard e os futuros Existencialistas, ensinaram que o ser humano, enquanto possuidor de uma razão que o torna livre e autônomo nas suas decisões morais vive à beira de uma angústia infinita, pois é sempre difícil dizer qual seria a melhor escolha. Portanto, a norma moral se torna uma questão a ser resolvida livremente no interior de cada ser humano, e é relativa a cada situação em que ele se encontra, ficando à mercê de sua própria decisão em cada situação.



4. Concepções Contemporâneas da Ética

As tentativas de dar um nome à experiência humana ocidental e globalizada atual ainda não obtiveram unanimidade. O nome *pós-modernidade* tem-se mostrado o mais promissor, embora ele se pareça como um guarda-chuva ou um armário sob ou dentro do qual se colocam muitos objetos diferentes entre si.

Usa-se, ainda, outros nomes tais como: segunda modernidade, modernidade tardia, alta modernidade, hiper-modernidade, ultra-modernidade, modernidade contemporânea ou modernidade radical. Diferencia-se, ainda, entre pós-modernidade como um modo de estar no mundo, que produz uma forma de pensar o mundo e a si mesmo enquanto parte dele; e pós-modernismo, como a diferenciação histórica que a pessoa faz desse modo de estar no mundo em comparação com outros períodos, por exemplo: pré-moderno e moderno.⁷

4.1 As muitas identidades do sujeito moral contemporâneo

Para nosso estudo, é importante reconhecer a discussão feita ao redor da experiência do sujeito moral desde a sua identidade que transita através destas épocas distintas na experiência ocidental do ser humano.

Stuart Hall vê a identidade deste sujeito moral sendo modificada ao longo das diversas épocas históricas que demarcam o Ocidente.⁸ No Iluminismo, o indivíduo, no masculino mesmo, era concebido como uma pessoa única e una, dotado de razão, de consciência e de ação próprias, coordenadas por um núcleo ou *eu* interior que ele já possuía quando do seu nascimento e se desenvolvia ao longo de sua existência.

Na Modernidade, o indivíduo, ainda masculino, era concebido como reflexo da crescente complexidade do mundo moderno, dependente da interação entre seu núcleo ou eu interior e os *eus* dos demais seres humanos, habitando em uma cultura, na qual, ao longo da sua existência, vão se formando os seus valores, sentidos e símbolos, inclusive morais.

No mundo atual, o indivíduo, agora não mais apenas masculino, é o resultado das muitas mudanças na paisagem externa ao seu núcleo ou *eu* interior, as quais, ao entrarem em colapso ou se fragmentarem, também desestruturam o indivíduo, que não mais possui um *eu* coerente, mas fragmentado em múltiplas identidades.

⁷ BERTENS Hans, NATOLI Joseph (Eds.). *Postmodernism. The Key Figures*. Oxford: Blackwell, 2002, p. xi-xvi.

⁸ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2002, p. 12,13. Na Internet, ver: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html#caráter>.

4.2 A modernidade atual como condição utópica da existência humana

É importante reconhecer que a pós-modernidade constitui um estilo de vida, um modo de estar no mundo, um projeto de sociedade para o ser humano, até uma utopia! Segundo José Maria Mardones,⁹ a pós-modernidade propõe, sim, uma utopia, que consistiria de: resistência ao projeto tecno-burocrático da civilização moderna e a ênfase no indivíduo autônomo, criativo, desde a sua própria experiência humana particular. Mardones conclui que:

a dialética modernidade/pós-modernidade expressa um debate sobre a sociedade atual, e, por isso mesmo, uma persuasão começa a existir cada vez mais: a necessidade de reformular as propostas da razão ilustrada com suas consequências sócio-políticas, estéticas e morais.¹⁰

Percebeu esta última frase: “reformular as propostas da razão ilustrada com suas consequências sócio-políticas, estéticas e morais”? Algumas palavras já são familiares a você e muito importantes para nosso curso: “razão ilustrada”, se refere à razão modelada pelo Iluminismo, cuja Moral foi estudada na aula passada; e *morais* (assim mesmo, no plural), não diz respeito apenas a qualificar a palavra *consequências*, mas à pluralidade de éticas que convivem umas com as outras nesse tempo de hoje.

4.3 A busca por uma ética pós-moderna

Nosso estudo será dividido em dois momentos. No primeiro se preocupará em entender melhor as exigências éticas do que chamamos mundo pós-moderno. No segundo, buscaremos pela possibilidade de um discurso ético acessível e necessário às atuais condições morais de convivência humana em nossa sociedade global tão diversificada.

Existe um livro interessante, escrito por Jacqueline Russ, chamado *Pensamento Ético Contemporâneo*.¹¹ Nesse pequeno livro, ela constata um renascimento do debate ético e a multiplicação das discussões sobre ética nos dias atuais. As pessoas falam de bioética, ética dos negócios, moralização da política e do uso dos bens públicos; elas discutem sobre o uso ético do dinheiro, ou que ética permite que uma sociedade deixe milhões de brasileiros à margem dos benefícios que ela está produzindo, e assim por diante.

Russ percebe, porém, que existe um problema com essa demanda por ética: ninguém saberia, exatamente, quais os parâmetros para fundamentar uma nova ética para um mundo globalizado, onde as sociedades socializam seus problemas e suas oportunidades, onde a

⁹ MARDONES, José Maria. *Postmodernidad y Cristianismo. El desafío del fragmento*. Santander: Sal Terrae, 1988, p. 59-77.

¹⁰ MARDONES, *Idem*, p. 78.

¹¹ RUSS, Jacqueline. *Pensamento Ético Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 1999.

tecnologia e a economia afetam a todas as sociedades, no qual não vale a ética de uma sociedade particular.

Russ explica quais são os desafios morais para propor uma Ética contemporânea:

O vazio ético

Não existe um lugar comum, hoje, de onde se partir para falar se uma lei é justa ou não, o que tem valor moral e o que não tem, se existe um princípio organizador do agir moral, e mesmo se o ser humano é dotado de um senso ou uma consciência moral inerente a ele. A palavra para descrever essa característica presente se chama *niilismo*. Quer dizer: como julgar algo no mundo se não existe uma base comum, um sentido comum, um propósito comum, uma razão comum para as ações humanas?

O fim das narrativas totais

Entende-se por *narrativa total* aquela narração da história que sempre nos conduzia para um propósito final, normalmente redentor. Muitas dessas narrações fundamentaram, em algum tempo, o comportamento humano. O Cristianismo, com seu fim direcionado para Deus que a tudo abrange, é uma das mais importantes. O Marxismo, com seu fim orientado para uma sociedade sem classes, é outra dessas narrações. Ainda outras, são: a razão de Kant, com sua confiança em um ser humano capaz de decidir e agir por si mesmo a partir de uma lei racional interior. O Capitalismo, com sua proposta de uma sociedade livre para produzir e consumir. A Democracia, com sua confiança na capacidade de um povo se organizar e decidir por si mesmo o que quer. Você pode estar pensando: nada disso acontece de verdade! Você duvida de todas essas promessas, que é o que essas narrações são, e, assim, fica cético, incrédulo. Se não existe uma história que te diz que há algo te esperando lá na frente, pela qual você pode julgar seu agir moral, e vê-lo recompensado, não existem mais normas morais que obriguem alguém a fazer o que é certo e evitar o que é errado. Você está sozinho e desamparado de valores morais neste mundo.

O individualismo

As narrativas totais tendiam a formar e modelar tradições que governavam a conduta moral humana. Com o seu fim, é possível imaginar o que ocupa o seu lugar: o indivíduo. Esta é a senha para a discussão da emergência do individualismo contemporâneo, uma conduta humana que privilegia o indivíduo em relação à coletividade. Certamente o indivíduo sempre esteve nas preocupações da Moral ocidental, pois é a partir dele que se pode falar de um sujeito com obrigações morais em uma sociedade. Na Modernidade, a ética acentuou a

individualidade ao libertar o ser humano ocidental de toda forma de poder ou participação social constrangedora imposta de fora para dentro sobre ele. Nesta idade contemporânea, porém, trata-se da própria recusa do ser humano ocidental em conviver com qualquer regra, disciplina ou norma moral que o sujeite à uniformidade coletiva. Descrita por Russ assim,

As delícias do narcisismo, bem mais que o acesso a uma autonomia, a explosão hedonista, mais que a conquista da liberdade. Promoção dos valores hedonistas, permissivos, psicologistas, culto da “descontração”, vinculação às particularidades idiossincráticas, eis o que se esboça na idade pós-moderna. Assim, entramos nessa do narcisismo.¹²

A questão que Russ levanta é a seguinte: como a Ética pode falar de uma moral válida em uma *era dos homens vazios* de valores, senso e consciência moral comum?

As novas tecnologias

A Ciência, e a sua face mais visível, a tecnologia, acabou por constituir mundos à parte dos seres humanos, conduzindo-se por suas próprias regras. Assim, ciência e tecnologia passaram a representar não apenas oportunidades e benefícios para os seres humanos, mas, também, ameaças e perigos. Isto parece piorar quando a ciência e a tecnologia começam a entrar no próprio território da natureza humana, coisa antes reservada para ciências como a Teologia e a Filosofia, levantando a possibilidade da alteração desta natureza, colocando em cheque tudo o que até agora se conhece como humanidade. O que fazer quando a ciência e a tecnologia querem dizer e determinar a natureza e conduta dos seres humanos, em uma espécie de desmoralização da moral, isto é, removendo todos os valores, senso e consciência moral cuja referência sempre foi o próprio ser humano?

Russ conclui afirmando a falência de toda moral conhecida pelos seres humanos até os dias atuais, porque os seus fundamentos, Deus, razão, natureza humana, sociedade humana e outros mais, nada dizem em termos de orientar moralmente a conduta humana em uma sociedade científica e tecnológica. Ela insiste na necessidade de uma nova Ética, com outro tipo de fundamento, ao invés de permitir que a humanidade caia em uma espécie de vazio moral destruidor. Mas que fundamento poderia ser esse?

Assim, entramos na segunda parte do nosso estudo.

É muito importante entender a palavra *fundamento*. Trata-se de um princípio que orienta, organiza todas as demais coisas. No caso da Moral, sempre há a necessidade de um princípio orientador, válido em si mesmo. Alguma coisa que é moral e capaz de produzir seres

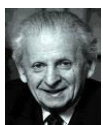
¹² RUSS, *Idem*, p. 15.

humanos morais. A Ciência, a tecnologia, seria a grande aposta contemporânea. Mas como ela pode ser fundamento de alguma Moral, se ela apenas lida com coisas materiais, sem alma? É certo que até os cientistas precisam de uma Moral que anteceda suas próprias ações e intervenções no terreno da ciência!

O livro de Jacqueline Russ trabalha com muitas possíveis sugestões de fundamentos. Dentre eles, vamos enumerar alguns. Na pluralidade das muitas opções individuais, não dá mesmo para falar de um único fundamento. Portanto, sempre haverá a necessidade de um diálogo amplo entre os diversos parceiros que discutem a Ética para hoje. Mas, é necessário, primeiro, reconhecer esses parceiros.

Segundo ela, o princípio a partir do qual toda Ética moderna ocidental se constituiu é a do ser humano autônomo, independente, criativo, capaz de dizer para si mesmo o que ele quer fazer e assim realizar sua ação no mundo, transformando a sua realidade. Esse ser humano, porém, é visto, hoje em dia, como dissolvido no meio de sistemas e estruturas, externas e alheias a ele mesmo, que dizem o que ele deve ser e fazer, não lhe deixando muita ou nenhuma liberdade para a prática da sua autonomia. Este ser humano dos dias de hoje precisa de novo começo, de novo princípio. O que poderá animá-lo?

Escolhemos alguns dos princípios que Russ sugere, dentre aqueles que consideramos mais relevantes para nosso estudo.



O princípio do religioso

Não se trata aqui de tornar a religião cristã o princípio dominante na conduta dos seres humanos. E, sim, de perceber como ela pode fornecer elementos para se constituir uma nova ética. Há um filósofo da ética, chamado Emmanuel Lévinas, que se utiliza do Talmude judaico e da Bíblia cristã como inspiração para falar de uma ética da alteridade. Esta leva cada ser humano a olhar para o outro ser humano que está diante de si como a sua própria face. Desse modo, esse outro ser humano é elevado a uma proximidade que vai além daquele encontro momentâneo. Verdadeiramente, ao próprio Deus. É essa conclusão que o levará a perguntar pelo tipo de responsabilidade moral que ele tem para com o seu próximo, proverbial naquela famosa resposta de Caim a Deus, quando este lhe pergunta: “Onde está seu irmão?” E Caim responde: “sou eu cuidador do meu irmão?”



O princípio da realidade

Não é verdade que a vida realmente vivida tem mais momentos de desânimo, dificuldades e tristezas, do que alegrias e satisfação? Os seres humanos sempre tentaram

disfarçar essa realidade introduzindo idéias que a revestiam de otimismo. Por que não encarar as coisas como são e, a partir disso, não pensar o que é possível fazer moralmente? Um importante filósofo para essa proposta ética é Arthur Schopenhauer, chamado de *o grande desilusionista da realidade*. Ele tira nossas ilusões, para que possamos encarar, de frente, as duras condições da realidade e agir corretamente nela.



O princípio da responsabilidade

O tema da responsabilidade é comum na Ética clássica. Por ela se entende cada indivíduo responsável pelas ações que cometeu ou comete, pois estas são resultado de sua própria escolha. Conforme a Ética clássica, não se pode pedir responsabilidade quanto a qualquer ação futura, pela simples lógica de que elas ainda não foram cometidas. É exatamente aqui que a responsabilidade adquire novo uso. O filósofo Hans Jonas trata a responsabilidade como a guarda que temos de fazer do futuro da própria humanidade. Sendo ela frágil e perecível, que compromissos devemos assumir hoje para garantir que a humanidade tenha um futuro amanhã? Isto significa conciliar os nossos interesses no presente com as renúncias a esses interesses que estamos dispostos a fazer, para que o futuro aconteça para as próximas gerações.



O princípio da liberdade, da igualdade e da diferença

É uma junção entre a Moral e a política. Trata de afirmar o mais elementar e profundo direito humano fundamental: o direito à liberdade. Liberdade para agir, para se exprimir, para usufruir dos bens, de proteção da lei. Igualmente, trata de estender essa liberdade a todos os seres humanos, fazendo todos iguais porque são todos igualmente livres. Este princípio reconhece que nem todos desfrutam da liberdade de modo igual, mas de maneiras diferentes. Pense em uma criança em um campo de refugiados, e outra em um condomínio de luxo. Nesse caso, é sempre necessário que a lei proteja aqueles que gozam de menor possibilidade de realizar a sua liberdade, o que não significa proteger aqueles que por pura má-vontade preferem a desigualdade. Permanece, portanto, a justiça como princípio fundamental para a Ética. O filósofo que trabalha este assunto, reunindo-os sob o tema da justiça, é o norte-americano John Rawls.



O princípio da atividade comunicativa

Para o filósofo Jürgen Habermas, o mundo precisa conversar mais, e isto requer o domínio das linguagens que todos usamos no nosso dia-a-dia. Quanto mais hábeis no uso das linguagens, mais clara e transparente será a comunicação, portanto, melhores serão

exprimidos os pensamentos, e as pessoas se conhecerão e se compreenderão melhor. A compreensão gerará o consenso, que será a base do agir moral dos seres humanos, pois eles estarão de acordo sobre o que é o Bom para todos.



O princípio das virtudes

Desde Aristóteles, a formação moral do caráter virtuoso fez um percurso consistente e reconhecido. Entretanto, o Iluminismo e sua recusa da tradição e do coletivo a relegou, como preocupação secundária da moral. Na segunda metade do século 20, ela tem experimentado uma espécie de refundação, a partir do reavivamento do interesse acerca da sua contribuição para a moral contemporânea. Isto se relaciona com a relação entre o indivíduo, agente moral, e acerca de como seu agir moral tem o poder de afetar o meio no qual vive, para o bem ou para o mal.

Este reavivamento neo-aristotélico tem seu principal proponente em Alasdair MacIntyre, filósofo escocês radicado nos Estados Unidos. Para ele, há um caos instalado no tratamento da moral. Isto se deve às teorias morais rivais, e a incapacidade de estabelecer, em meio à multiplicidade superficial, um terreno teórico comum que permita a discussão de cada moral proposta. Esta discussão somente é possível quando se recupera a tradição histórica de cada teoria moral, percebendo seus movimentos dentro da própria tradição e como cada uma recoloca a questão moral nos dias de hoje. MacIntyre, então, assume que a tradição aristotélica, abandonada pelo Iluminismo e Modernidade, seja uma destas, levadas em consideração, sobretudo a sua formação moral do caráter humano pela educação nas virtudes.¹³

Conclusão

Nosso estudo nos levou ao surgimento do conhecimento ético, localizado nas cidades gregas, seguindo sua evolução histórica até que elas foram dominadas, sucessivamente, pelos impérios macedônio e romano. Nesse período, muitos se dedicaram à reflexão quanto ao agir moral do ser humano, adequado em meio às condições históricas de cada um desses períodos. O Cristianismo não é apenas uma religião de salvação, mas uma religião que possui uma moral, isto é, que propõe regular o agir moral do ser humano, oferecendo-lhe uma sociedade cristã como lugar no qual viver. Vimos como Agostinho e Basílio de Cesaréia, dentre muitos outros, refletiram sobre a vida cristã como uma ética que consistia na busca da Verdade, em

¹³ A obra principal foi: *After Virtue* (1981), seguida de outras, entre 1988 e 1999, nas quais procura fundamentar a sua proposta. Veja o comentário em: DE CARVALHO Helder Bueno Aires. Alasdair MacIntyre e o retorno às tradições morais de pesquisa racional. In: DE OLIVEIRA Manfredo A. (Org.) *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes,

Deus; e na imitação da caridade, em Cristo. Agora, na próxima lição, veremos como o mundo moderno ocidental representa uma releitura da moral cristã, ao mesmo tempo em que questiona profundamente a sua influência sobre o agir moral do ser humano. Na Modernidade, a ética tem seu ponto de partida no ser humano enquanto um sujeito racional e autônomo, construído por Kant, e essa construção conduziu a questionamentos e até ao próprio esvaziamento de qualquer propósito moral a este sujeito. Nos dias de hoje, a tentativa é refazer o pensamento ético sobre a Moral, a partir da sociedade contemporânea na qual vivemos, apesar das muitas dificuldades de propor uma ética conveniente às suas condições hiperindividualistas, caóticas e fragmentadas. Mas, há esforços nesta direção em todas as partes do mundo. Pois os seres humanos, em todo o mundo, entenderam o quanto estão juntos e dependem uns dos outros para sobreviver a esse período atual. Espero que seu proveito seja grande e desperte você para os grandes compromissos que temos à frente em nossa sociedade brasileira e planetária.

2000, pp. 31-64.